



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

DOI: <https://doi.org/10.20873.generosemideologia>

## **GÊNERO SEM IDEOLOGIA – UM PODCAST PARA DESPOLARIZAR O DEBATE**

GENDER WITHOUT IDEOLOGY - A PODCAST TO DEPOLARIZE THE DEBATE

GÉNERO SIN IDEOLOGÍA - UN PODCAST PARA DESPOLARIZAR EL DEBATE

Larissa Pelúcio<sup>1</sup>  
Paulo Neto<sup>2</sup>  
Luiz Fernando Wlian<sup>3</sup>  
Igor Terassaka<sup>4</sup>  
Guilherme Contini<sup>5</sup>

### **RESUMO**

*O Gênero sem ideologia - um podcast para despolarizar o debate* procurou articular discussões acadêmicas e de movimentos sociais para reagir à onda antigênero. Metodologicamente, se valeu da promoção do letramento científico a partir de abordagens descontraídas de temas controversos, tendo a personagem Gési como *host*. Foram 17 episódios, incluindo os extras, em duas temporadas, que contaram com entrevistadas/dos especialistas nos temas tratados. O projeto, que se iniciou em plena pandemia, foi descontinuado em 2023.

**PALAVRAS-CHAVE:** Podcast; letramento científico; gênero e sexualidade; Unesp, ofensiva antigênero.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" UNESP

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP

<sup>3</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP

<sup>4</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP

<sup>5</sup> Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

## **ABSTRACT**

*Gender without ideology - a podcast to depolarize the debate* sought to articulate academic discussions and social movements to react to the anti-gender wave. Methodologically, it used the promotion of scientific literacy through relaxed approaches to controversial topics, having Gési as host. There were 17 episodes, including extras, in two seasons, with interviewees/experts on the themes. The project, which started in the middle of the pandemic, was discontinued in 2023.

**KEYWORDS:** Podcast; scientific literacy; gender and sexuality; Unesp; anti-gender offensives

## **RESUMEN**

Género sin ideología - un podcast para despolarizar el debate buscó articular discusiones académicas y movimientos sociales para reaccionar a la ola anti-género. Metodológicamente, utilizaba la promoción de la alfabetización científica a través de un enfoque distendido de temas controvertidos, contando con el personaje Gési como presentadora. En dos temporadas se emitieron 17 episodios, incluidos los extras, en los que aparecían entrevistados/expertos en los temas tratados. El proyecto, que comenzó en plena pandemia, se interrumpió en 2023

**PALABRAS CLAVE:** Podcast; alfabetización científica; género y sexualidad; Unesp, ofensiva antigénero

## **1. APERTA O PLAY PRA COMEÇAR**

*Oiiiie, aqui quem vos falar é Gesiii, mestre de cerimônias do podcast *Gênero sem Ideologia*, chamado no vulgo por *Gesi*, o que nos leva ao meu nome. Confesso, que, acostumada a vocalizar minha voz em outros meios de comunicação, chego neste espaço para tentar narrar um pouco do que foi a trajetória do projeto de extensão que leva meu nome, ou eu levo o nome dele. As formas narrativas têm-se modificado muito ultimamente, culpa da pós-modernidade talvez, onde quem fala sempre entra em cena, dessa forma, apenas espero que as conjugações em primeira pessoa do singular sejam confundidas com as colocações no plural em nome do “nós”, porque, afinal, quando digo eu, eu digo nós. Eu, Gési, sou uma metáfora de*



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

*múltiplas vozes. Apresentada a malha de vozes que vos escreve, podemos dar o start neste relato, ainda que, como costume dizer, antes de começar é preciso voltar e juro que nem é tanto viu. O importante disso é na realidade entender os contextos que marcam o nascimento de Gési, euzinhe<sup>6</sup>.*

Gési é essa figura ciborgue, feita de todas e todos nós, uma equipe que, ao longo de dois anos (2021-2022), se reuniu praticamente todas as semanas para promover letramento em gênero e sexualidade para um público que imaginamos como adolescente e jovem<sup>7</sup>.

Antes de ser uma personagem, Gési foi pensada para ser um acróstico, uma sigla para *Gênero sem ideologia - um podcast para despolarizar o debate*. O nome era grande demais e dificultava não só a referência ao *podcast*, como também desafiava qualquer projeto gráfico para criação de uma identidade visual. G.S.I, a sigla curta e possível, remetia ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, que em 2021 era chefiado pelo general Augusto Ribeiro Pereira, parte do governo que representava o avesso de nossa proposta. Foi aí que Paulo Neto, que passou a ser a voz de Gési, sugeriu: "e se a gente chamasse de Gési, e Gési fosse uma personagem?". Amamos a ideia! Nascia, assim, nossa ciborgue.

---

<sup>6</sup> Gési é uma personagem não-binária, daí a escolha pela linguagem inclusiva, com uma idade presumível entre 16 e 25 anos. Gési possui uma linguagem jovial e rápida, mas também referências mais antigas, possuindo um pé no que hoje é chamado de "cringe" e outro na geração Z. Tudo isso com o objetivo de angariar pessoas jovens, a partir dos 16 anos, e pessoas mais velhas, em volta dos 40 e 50 anos de idade, ao debate sobre o que somos, sobre o que é gênero e o que são esses corpos chamados de femininos, masculinos, "viados", "lésbicos", cis, trans etc.

<sup>7</sup> Os dados que obtivemos pelo monitoramento no aplicativo Spotify mostram que atingimos esse objetivo: 78% de nossas/os ouvintes estão com idades entre 18 e 34 anos. 32% do público tinha idade entre 23 e 27 anos, 24%, correspondiam às pessoas entre 18 e 22 anos e 22% eram pessoas entre 28 e 34 anos, completando as três faixas etárias com maior alcance no nosso podcast naquele ano. Nos dados de 2023, houve uma continuidade em relação à faixa etária dos públicos atingidos.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

O *Gênero sem ideologia - um podcast para despolarizar o debate* foi um projeto financiado<sup>8</sup> pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"; esteve sediado no campus Bauru e lotado na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), sob a coordenação da professora Larissa Pelúcio. A equipe inicial foi formada por estudantes que integravam<sup>9</sup> o grupo de pesquisa *Transgressões - corporalidades, gênero, sexualidade e mídias contemporâneas*, registrado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), liderado pela mesma docente. O projeto contou, ainda, com a parceria externa do Grupo de *Estudos e Pesquisas Subjetividades e Instituições em Dobras*, que integra docentes e discentes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), coordenado pela professora doutora Anna Uziel.

---

<sup>8</sup> Em sua primeira edição o projeto recebeu apenas uma bolsa da PROEX e R\$ 500,00 de custeio. Porém, conseguimos outras duas bolsas BAAE ( Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão ) via vice-diretoria da FAAC e uma bolsa para um aluno doutorando vinda da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (CAADI). Já na segunda edição, graças à excelente avaliação do relatório final da primeira temporada, recebemos duas bolsas e R\$ 1.500,00 de custeio.

<sup>9</sup> Integraram a equipe da primeira edição do projeto: Guilherme Cardoso Contini (Doutorando em Design, Mestre em Mídia e Tecnologia e graduado em Design Gráfico, todos pela FAAC/UNESP); Luiz Fernando Wlian (Doutorando em Comunicação pela FAAC/UNESP); Vítor de Lima Fantin (Graduando em Psicologia pela FC/UNESP), Paulo Borges Freitas Neto (Graduando em Psicologia/FC/UNESP), Leda Leite Ferreira (Graduanda em Psicologia pela FC/UNESP), Igor Haruo Terassaka Hirao (Graduando em Psicologia/FC/UNESP), Giovanna Dias Santana (Graduanda em Psicologia/FC/UNESP), João Victor Cruz Favaro Vieira (Graduando em Design Gráfico pela FAAC/UNESP), Ander Haruo Kimoto de Almeida (Graduando em Design de Produto pela FAAC/UNESP), Bárbara Schiavon Beline (Graduanda em Design Gráfico pela FAAC/UNESP); Nara Mulati Graduanda em Design Gráfico pela FAAC/UNESP, Aressa Joel (mestranda no PPG em Comunicação-FAAC). Somaram-se à segunda edição Alan Kamada (Graduando em Psicologia/FC/UNESP), Laiz Helena Borges Volante (Graduanda em Psicologia pela FC/UNESP); Lina Emy Tei Kadomoto (Graduanda em Psicologia pela FC/UNESP). Janice Satto foi a servidora técnica administrativa que se somou ao projeto. Na técnica de som contamos com ex-alunos: Taíla Aschkar Valéo e Felipe Budim. A identidade sonora é de Luis dos Santos Miguel, também egresso da Unesp.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

Um dos aspectos mais relevantes do projeto foi o letramento científico em gênero e sexualidade. Procuramos promover "o conhecimento dos conteúdos da ciência e a percepção ampla de questões políticas e sociais envolvendo a ciência de modo a formar um "letramento científico para a cidadania" (MILLER apud MOTTA-ROTH, 2011, p. 21). Contudo, pensamos fazer isso de uma forma mais satírica, descontraída e menos complicada.

Por intermédio de Gési, buscamos oferecer uma linguagem mais acessível, além de dar um traje humorístico e menos rígido, a assuntos muitas vezes controversos como os problemas do gênero, as formas de masculinidade, sexualidade, os estudos feministas etc., temas nunca descolados de suas interseccionalidades, classe, raça, idade, entre outros.

O letramento de gênero que buscamos teve como motivação e desafio articular discussões acadêmicas e de movimentos sociais progressistas para reagir à onda antigênero que veio se avolumando internacionalmente e que, no Brasil, cresce significativamente após 2013.

No Brasil, forças católicas e evangélicas conservadoras e o movimento Escola sem Partido juntaram esforços para incidir, de forma coordenada, nos debates do Plano Nacional de Educação com o objetivo de excluir o termo gênero dos documentos em debate. Em 2016, o ataque ao gênero, como ideologia "diabólica e marxista" impactou, negativamente, no referendo sobre o acordo de Paz na Colômbia. Um ano mais tarde, a filósofa feminista Judith Butler, ao visitar o Brasil, foi objeto de um virulento ataque antigênero. No começo de 2018, a mesma diatribe levou um candidato, representando a cruzada antigênero, ao segundo turno das eleições presidenciais. Alguns meses depois, o tropo "gênero" esteve no vórtex central do furacão eleitoral brasileiro e, no país, o ano de 2019, se iniciou com o anúncio feito no discurso presidencial ao congresso de que um dos objetivos do governo recém eleito é combater a "ideologia de gênero" (PRADO, CORRÊA, 2018, p. 444)

Nas últimas duas últimas décadas, assistimos à crescente politização dos temas associados à igualdade de gênero e à democracia sexual. Exemplos



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

como o programa *Brasil Sem Homofobia* (2004), a criminalização da violência contra a mulher pela lei Maria da Penha (2006), o *Plano Nacional de Direitos Humanos* (2009), entre outras iniciativas do Estado produziram mudanças profundas nos discursos sobre gênero e sexualidade (CAVALCANTE, 2015; IRINEU, 2019), as quais responderam ao fortalecimento de movimentos da sociedade civil organizada e do aumento de pesquisa acadêmicas sobre estes temas (FACCHINI; DANILIAUSKAS; PILON, 2013). Por outro lado, essas mudanças catalisaram reações contrárias vinda de diferentes setores sociais, que encontraram no sintagma “ideologia de gênero” um ponto de convergência (VIEIRA JUNIOR; PELUCIO, 2020).

Como contraponto a essa conjuntura, portanto, Gési buscou atender à meta 5.1 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (OSD) da Organização das Nações Unidas (ONU), o qual visa “eliminar todas as formas de discriminação de gênero, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as meninas e mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas” (IPEA, 2019, p. 07). O *podcast* se adequa a uma linha de extensão que contempla grupos sociais vulneráveis para promover respeito e inclusão.

Acreditamos que promover o “acesso ao repertório de conhecimentos gerados pela ciência é um dos principais meios de qualificação das condições de vida em sociedade na contemporaneidade” (MOTTA-ROTH, 2011, p.13). Reconhecemos também que o acesso ao que se produz academicamente tende a ficar circunscrito ao meio universitário, não só porque vivemos em um país que não incentiva ou valoriza a pesquisa acadêmica, como a própria



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

linguagem científica tende a ser hermética, dificultando sua apreensão pelo público externo.

Quando pensamos em *podcast*, apostamos na oralidade, na fluidez discursiva que poderia promover o letramento científico "para além da hegemonia do discurso da ciência", mostrando que "há discursos outros que, [...] recontextualizam o conhecimento no exterior da comunidade científica e possibilitam que esse conhecimento assuma formas no interior dos discursos populares da mídia" (MOTTA-ROTH, 2011, p.14).

Não apenas é importante observar que, atualmente, é fulcral ocupar esses novos espaços virtuais e midiáticos, dominar suas linguagens e fazer uso dos novos meios de comunicação digitais, como também deve-se reiterar, por meio desses espaços, o papel educativo e a responsabilidade social da universidade pública. As novas tecnologias e mídias, bem como seus gêneros e formatos comunicativos (a exemplo, o formato *podcast*), apresentam-se como ferramenta poderosa nesse sentido.

## **FILHA DA "PANDS" E DAS TICS**

Em 2020 o mundo parou, literalmente, quando em 11 de março a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou que o surto de problemas respiratórios provocados pelo novo coronavírus havia se tornado pandêmico. No Brasil, entre caos no sistema de saúde e negacionismo governamental, fomos buscando soluções e ferramentas para lidar com o isolamento social e seus impactos na educação. Foram meses exaustivos e cheios de incertezas. Nesse contexto trágico, quase como um recurso de alívio cômico, alunes passaram a



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

chamar a pandemia de "pands". Talvez em busca desse alívio, tenhamos idealizado Gési como um tanto debochade e irreverente. Gési, com sua voz distorcida por efeitos sonoros, falava de assuntos densos de forma leve (reconhecemos que nem sempre isso foi possível).

Mesmo com a variedade de assuntos que elencamos dentro da abrangente chave temática, a pandemia pontuou as entrevistas da primeira temporada, fosse porque discutir o que estávamos vivendo era imperativo, fosse porque a cada entrevista lamentávamos o fato de não podermos fazê-la presencialmente (pelo menos a equipe), ou porque sempre estávamos às voltas com os limites de nossas conexões e de nossos conhecimentos sobre as novas tecnologias digitais.

O *podcast* não é propriamente uma mídia nova, mas tem seu *boom* justamente nos anos da pandemia da Covid-19. Dados de relatórios do Spotify e Deezer, principais serviços de *streaming* de áudio do mundo, mostram que o volume de escutas a *podcasts* cresceu substancialmente durante a fase sem vacinas da pandemia. Um público expressivo voltava a escutar "rádio", agora sob demanda. Mas,

talvez a mudança mais significativa apontada pelas pesquisas e especialistas durante a pandemia, no que diz respeito ao comportamento dos ouvintes, é o podcast como meio para educação e informação. De acordo com Anya Grundmann, vice presidente sênior de programação da NPR, a rádio pública americana, "o podcasting é cada vez mais o modo como as pessoas passam o tempo, tentando se educar e ficar mais inteligentes, em um momento em que as pessoas estão sozinhas" (FLYNN,K.,2020). (DE AMORIM, ARAÚJO, 2021, p.25808)

Mesmo que de uma forma intuitiva, sabíamos que essa era a mídia mais adequada para trabalharmos em contexto pandêmico. Podíamos nos reunir via





ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

Google Meet; trabalhar coletivamente em roteiros por meio do Google Docs; nos organizar utilizando o Trello e gravar as entrevistas pelo Discord<sup>10</sup>.

A fim de alargar a abrangência do *podcast* e trabalharmos também com imagens. Foi criado um perfil do projeto no Instagram (@gesipodcast). A dinâmica de funcionamento do perfil se distribuiu em *posts* que giraram em torno do tema dos episódios. Vale registrar que em todas as postagens que fizemos no Instagram, usamos a #paratodomundover, descrevendo na legenda do *post* cada imagem da publicação.

O projeto contou integralmente com corpo discente e docente de pessoas vinculadas à universidade pública, e se valeu da extensão universitária para se posicionar no cenário midiático contemporâneo de forma a democratizar saberes produzidos na academia, compartilhar conhecimentos teóricos e experiências práticas com o público interno e externo da UNESP, buscando levar debates e produções feitas dentro da universidade para fora dela, demonstrando como a academia pode abrir suas portas para olhar e se deixar ser olhada, para fazer da universidade um espaço, de fato, público. Um espaço em que saberes, subjetividades e sensibilidades muitas vezes tidas como subalternas também possam ter lugar de fala e de escuta.

---

<sup>10</sup> Reconhecemos os aspectos colonizadores que estão implicados nos usos dessas plataformas comerciais e estrangeiras de extração de dados para a autonomia da educação no Brasil. Como João Francisco Cassino, entendemos que o colonialismo de dados combinaria as mesmas práticas predatórias do colonialismo histórico com a quantificação abstrata de métodos computacionais. Trata-se de um novo tipo de apropriação no qual as pessoas ou as coisas passam a fazer parte de infraestruturas de conexão informacionais" (2021, p.22).



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

## **TEM UM MINUTO PARA A PALAVRA DE GÉSI?<sup>11</sup>**

Desde o início do projeto, uma organização interna foi delineada para permitir um funcionamento eficaz do *podcast*. Para tanto, a equipe se distribuiu em quatro grupos de trabalho (GTs). Primeiramente, o "Grupo de Pautas", responsável pela construção dos episódios, cuja equipe ficou encarregada da escolha dos temas a serem tratados e de fazer a pesquisa de artigos e textos acadêmicos pertinentes ao tema da vez, bem como a prospecção de possíveis convidadas/os e a redação de perguntas aos entrevistados, do roteiro e do texto de descrição dos episódios.

O "Grupo de Mídias" esteve encarregado de planejar, criar, postar e interagir com possíveis interlocutoras/es no perfil do Instagram do *podcast*. Coube também a esta equipe redigir textos para ampliar o alcance das discussões promovidas nos episódios. Junto com a equipe de mídia, o "Grupo de Design" cuidou da criação gráfica dos posts, além de ter concebido a identidade visual do projeto. Este grupo esteve encarregado de criar a capa de cada episódio.

Por fim, mais não menos importante, o "Grupo da Técnica" foi coordenado pelo Guilherme Contini e é composto pelo Felipe Budim e por Taíla Valéo, responsáveis pela edição do som; e Luís Miguel, responsável pela criação da vinheta e das vírgulas sonoras. No geral, o grupo é responsável pela edição e

---

<sup>11</sup> Esse é o mesmo título que nomeia o sexto episódio do *podcast*, episódio de retrospectiva da primeira temporada, de 2021, sintetiza bastante o caráter do projeto Gênero sem Ideologia. Um projeto que chega chegando com "o pé na porta", com caráter crítico inteligente e vivaz, mas que ao mesmo tempo opera um convite: chama ouvintes a pensar sobre temas sociais relevantes; convoca pessoas para se reunir ao debate sobre a sociedade contemporânea; conclama sujeitos para conversar e imaginar juntos mudanças para a nossa realidade concreta e repensar seu lugar como homem, mulher, cis, trans, branco, preto, pessoa com deficiência ou sem deficiência, entre tantas outras categorias privilegiadas.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

tratamento dos áudios gravados, pela edição final de cada episódio, e pela publicação dos episódios em diferentes canais de divulgação como Anchor, Spotify, Apple Podcast e Google Podcast.

Das primeiras reuniões da equipe de Gési, saiu a proposta de sermos uma mídia sonora que convida a/e/o ouvinte a imergir no debate. A ideia foi criar um ambiente de *mesacast*<sup>12</sup>, com certa horizontalidade dialógica, mas sem tirar o protagonismo da pessoa convidada para a seção intitulada "Senta que lá vem história". Esta abria a conversa a partir de relatos pessoais que faziam referência ao tema tratado no episódio, seção em que se fala de vivências, discursos, posicionamento da/de/do convidade, que trazia sua experiência como sujeito.

Derivou do "Senta que lá vem história", a seção "Ciência do Assunto". O quadro também se pautou em entrevistas, dessa vez com estudioso/a/e do campo abordado, que vem para emprestar espessura científica ao tema tratado no episódio, além de trazer sua opinião crítica informada pela pesquisa e por produções acadêmicas. Essa seção foi de suma importância, pois procurou mostrar para as/os ouvintes como as ciências humanas, sociais, antropológicas e psicológicas, envolvidas nos estudos sobre o gênero e suas interseccionalidades, ajudam a conferir aos conceitos significados operacionais e, por vezes, esclarecer seus usos como ferramentas analíticas.

Colada à temática da entrevista, seguem-se outros três quadros: "O Retorno do Recalcado", "Palavrório" e "Fica a Dica", além do encerramento, dedicado aos agradecimentos às parcerias, em que também nomeamos as instituições envolvidas no projeto do *podcast*.

---

<sup>12</sup> Formato que sugere uma conversa descontraída entre entrevistadoras e convidados.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

O "Retorno do Recalcado", nome derivado de uma conceitualização de base psicanalítica, debateu assuntos muitas vezes esquecidos, barrados ao longo do tempo e que precisavam ou que mereciam ser lembrados e/ou revistos para, assim, conferir mais robustez teórica ao tema tratado no episódio.

No "Palavrório", o propósito foi de avançar na definição de alguns dos conceitos utilizados ao longo do episódio com o objetivo de promover o letramento científico. Finalmente, o "Fica a Dica", quadro no qual as convidadas foram convidadas a darem dicas culturais, literárias, midiáticas ou de outras fontes, no intuito de oferecer a quem nos ouve acesso a produtos que possam ser de interesse e que permitam alargar seu entendimento dos tópicos trazidos naquele episódio.

Este formato mudaria na segunda temporada, na qual mantivemos apenas a entrevista com uma/uma/um especialista, seguida do "Retorno do Recalcado". O material complementar, podemos chamá-lo assim, ficou a cargo de produtos extras como a "Resenha", que tratou de fazer crítica de filmes cuja temática eram afins com a do episódio da vez. Os "Diálogos Impertinentes", completam o conteúdo extra. O formato do quadro reproduz uma cena teatralizada na forma de conversa entre duas ou mais pessoas em torno de um assunto que interagia com as temáticas que tratamos no projeto.

Outra novidade da segunda temporada foi o especial "Rolezinho". Com o fim do isolamento social já podíamos nos arriscar em matérias de rua. Privilegiamos eventos com acadêmicas de destaque, nos quais pudéssemos tanto fazer a cobertura do mesmo quanto entrevistar a pessoa que estava protagonizando a ocasião.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

Ao longo de duas temporadas, foram produzidos 10 episódios principais e sete especiais. O primeiro episódio foi lançado em junho de 2021 com o nome que diz muito a que viemos: #1 Ideologia de gênero, isso existe?. Nesta produção, tivemos como convidados Rocco Cavenaghi, pessoa trans-intersexo e designer formado pela UNESP de Bauru.

Para ilustrar, tomamos o primeiro episódio como matriz que orientou toda a primeira temporada. Pactuamos que os quadros de entrevistas, girariam em torno de um termo central. No episódio de estreia, exploramos o conceito “ideologia de gênero”. Apresentamos sua constituição, desdobramentos históricos e políticos até a contemporaneidade. Assim, os outros quadros seguiram pela mesma temática. O "Retorno do Recalcado" abordou a gênese do sintagma “ideologia de gênero”, e o "Palavrório" buscou definir os termos “intersexualidade” e “transexualidade”.

O ano pós-pandemia começou com o episódio extra "Rolezinho",<sup>13</sup>. Logo em seguida, foi liberado o primeiro "Diálogos Impertinentes"<sup>14</sup>. Nos adequar à volta presencial das atividades acadêmicas foi um desafio e um prazer, ao mesmo tempo, de forma que o primeiro episódio da segunda temporada, só foi lançado no segundo semestre de 2022.

O recesso universitário, a dinâmica de vida acadêmica, a falta de bolsas para toda a equipe, foram alguns dos desafios que enfrentamos para assegurar a periodicidade dos episódios. Além da dimensão técnica, sanada por trabalho voluntário, visto que nosso orçamento sempre foi bastante reduzido. Por isso

---

<sup>13</sup> A entrevistada foi a professora de Psicologia da UNESP- Bauru, Ana Cláudia Bortolozzi no evento de relançamento de seu livro, Sexualidade e Deficiências.

<sup>14</sup> (Des)orientar-se: japonês é tudo igual?, que trouxe uma conversa entre membros de Gési Lina, Alan e Luísa, três estudantes de Psicologia da UNESP, todes com ascendência japonesa, para discutir estereótipos de raça e gênero.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

nos valem, na segunda temporada, dos quadros extras. Mais compactos e protagonizados por um número menor de pessoas da equipe, estes episódios curtos demandavam um tempo menor para a finalização e publicação, evitando que perdêssemos engajamento. Nessa mesma linha, os episódios principais foram encolhidos. Episódios longos demais não retiam os ouvintes. Esse cenário mostra o desafio de se fazer o letramento científico pelas mídias digitais, as quais exigem uma produção constante e mais “mastigada”, recortada, a partir de um vocabulário mais acessível e articulado em linguagem oral.

No quadro abaixo reunimos de forma gráfica todos os episódios; elencamos os temas tratados em cada um deles, apresentamos nossas e nossos convidados, além de dados sobre suas carreiras e, quando pertinente, onde se inserem como ativistas. Além disso, colocamos um *print* a fim de ilustrar como era feita a gravação de nossos episódios em conjunto com a pessoa convidada.



# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

NOME DO EPISÓDIO	TEMAS TRATADOS	CONVIDADES
#5: Já ouviu falar em Feminismo Asiático?	Feminismo asiático, feminismo decolonial; interseccionalidade; estudos decoloniais; questões culturais da Coréia do Sul; representação leste asiática na mídia ocidental e definição do conceito de orientalismo.	Juily Manghirmalani, mulher cis de origem indiana, militante, cineasta e pesquisadora. Laís Miwa Higa, mulher cis de origem okinawana, doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, militante e pesquisadora de ativismos asiático-brasileiros nas vertentes feministas, LGBTQIA+ e antirracistas.
#6: Tem um minuto para a palavra de Gési?	Retrospectiva dos episódios da primeira temporada.	
Rolezinho #1 - Aquele com a Ana Cláudia Bortolozzi	Sexualidade; deficiência; preconceito e capacitismo.	Ana Cláudia Bortolozzi, mulher cis, professora doutora da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho.
Diálogos Impertinentes #1 - (Des)orientar-se: japonês é tudo igual?	Estereótipos; raça; orientalismo e gênero	
#7: Moda, raça e ativismo: isso combina?	Modativismo; eurocentrismo; normalização; corpos negros e definição dos termos posicionalidade e local de fala.	Carol Barreto, mulher preta, criadora do movimento Modativismo, artista e designer de moda autoral. Site do trabalho da convidada: <a href="http://www.carolbarreto.net/acerca/">www.carolbarreto.net/acerca/</a> .
#8: Deus, bíblia e gênero: isso combina?	Teologia indecente; sexualidade; espiritualidade e historicidade da religião.	Ana Ester, mulher cis LGBTQIA+, mestre e doutora em Ciência da Religião, palestrante e consultora sobre espiritualidade e sexualidade.
#9: Foi-se a Copa mas a pergunta fica: qual a relação entre os esportes e os corpos rejeitados?	Esporte; futebol; sexualidade; heteronormatividade; micro-políticas; dispositivos e práticas hormonais.	Caio Varela, homem cis LGBTQIA+, presidente do Ciervos Pampas, time de rugby com homens gays.
Resenha #2 - Boy Erased e Orações para Bobby	Conservadorismo; religião; fundamentalismo religioso; opressões e violências contra homens gays.	
#10 Relações não-monogâmicas: o amor é um sentimento ou uma prática?	Não-monogamia; monogamia; família; dinâmica dos afetos; amor romântico e sexualidade.	Marília Mascovich, mulher cis LGBTQIA+, pós-doutoranda em Antropologia pela Universidade de São Paulo.

	matividade e contrassexualidade.	Guilherme Silva de Almeida, homem trans, professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
--	----------------------------------	---

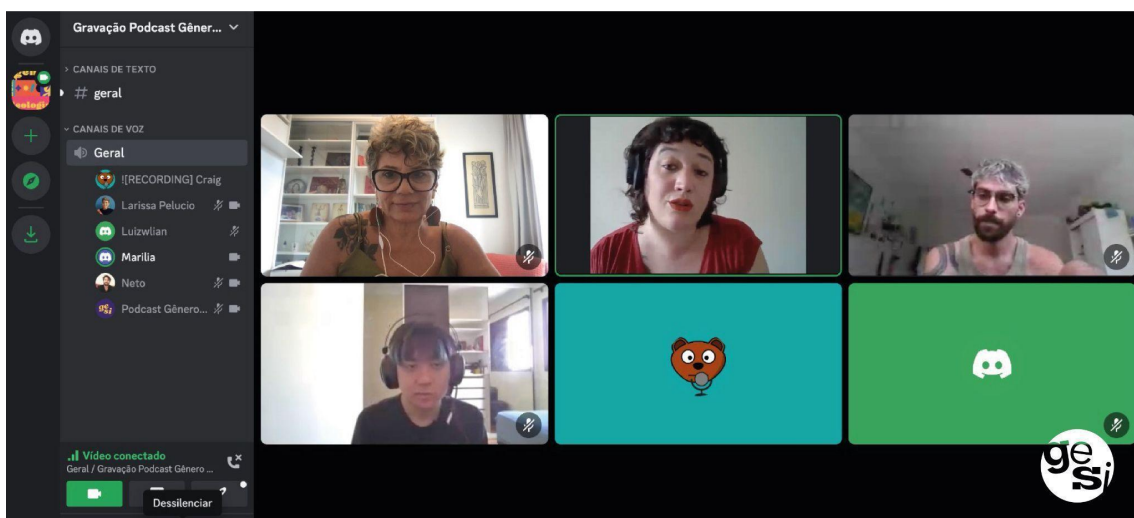


# REVISTA CAPIM DOURADO

## Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023



Entrevista feita na plataforma Discord, com a profa. Dra. Marília Moschkovich.

#paratodomundover: a foto mostra a interface da plataforma Discord, com seis retângulos de imagens, Em três deles aparecem membros do Gési e em um deles a entrevistada, a profa. Dra. Marília Moschkovich. Nos demais, vê-se os ícones da plataforma, indicando que estamos gravando a reunião.

## **DESCONTINUAR E, AINDA ASSIM, RESISTIR**

No início de 2023, foi feita uma reunião de equipe, na qual coordenação e grupos de trabalho concordaram em descontinuar o projeto. Chegou-se a um momento no qual muitos membros da equipe acumulavam demandas acadêmicas próprias dos ciclos de formação, como a realização de Trabalho de Conclusão de Curso ou projetos de pesquisa de pós-graduação, por exemplo. Nessa conjuntura, foi então decidido o encerramento do projeto, ainda em seu auge, com a gravação de mais um episódio principal, o décimo e último, o





ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

episódio #10, "Relações não-monogâmicas: o amor é um sentimento ou uma prática?", e o Resenha #3 "Se organizar direitinho..."<sup>15</sup>.

Gési encerrou a sua história, com resultados que podem ser quantificados em um total de 1985 ouvintes e 17 produtos, o que implicou na redação de 17 roteiros e na realização de dezenas de reuniões de trabalho. Em março de 2023, nosso perfil no Instagram contava com 647 seguidores e 53 publicações, entre *reels*, *stories* e *posts* fixos na linha do tempo. Sabemos que são números modestos quando se trata da métrica das mídias digitais contemporâneas; porém, tratando-se de projeto de extensão universitária de baixo orçamento, consideramos que foi bem sucedido. Pois, tivemos que conciliar as exigências do podcast com nossas atividades de ensino e pesquisa, realizadas em grande parte durante período pandêmico.

Consideramos que Gési conseguiu alcançar parte relevante de seus objetivos. Levou conhecimento científico respaldado pela universidade além dos muros desta; e mesmo em seus episódios mais longos tivemos centenas de ouvintes, algo demonstrado nos relatórios finais de ambas as temporadas do projeto.

O *podcast* permitiu não somente um enriquecimento das tarefas ligadas à formação universitária e uma aplicação de conhecimentos adquiridos nesta, como também possibilitou aprendizado e aprofundamento teóricos em muitos dos temas que foram pesquisados e abordados ao longo dos dois anos do projeto, bem como aprendizado prático na feitura de um *podcast* e na criação e gerência de produtos culturais midiáticos. Todos os membros saem com

---

<sup>15</sup> O último episódio de Gési tem como convidada a professora doutora em ciências sociais Marília Moschkovich, que discute o tema da não-monogamia. O Resenha #3 vem no bojo dessa temática, ao fazer a crítica do filme *Se organizar direitinho...* (2021), que traz formas de se relacionar não-monogâmicas.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

repertório teórico alargado. Não só nossos currículos Lattes foram enriquecidos, mas também nossas futuras carreiras e nossa formação cidadã. As pautas foram amplamente discutidas, nos levando a aprofundar leituras, investir em horas de pesquisa, solidificando nos estudos de gênero, sexualidade, feministas e *queer*.

Além disso, podemos afirmar que nosso projeto foi um profícuo exercício de valorização do pilar da extensão, substancial ao tripé da universidade pública. Por meio da extensão, todos os membros da equipe puderam experimentar parte do que é o papel geral da universidade como instituição pública, além de desenvolver um olhar mais sensível e atento às problemáticas da sociedade contemporânea. Ao correlacionar saberes teóricos e práticos, científicos e tecnológicos, os integrantes do *Gênero sem Ideologia* – nosso querido *podcast* – puderam criar e divulgar ferramentas possíveis para lidar com – e, quiçá, mudar – o mundo à nossa volta.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Viviane. Não Se Meta Com Meus Filhos: Gênero, Família e Discurso Conservador na Crise Democrática Latino-Americana. **Revista TransVersos**, 2020, 18: 86-106.

CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

CAVALCANTE, Alexandre Soares. A formação do CNCD/LGBT: uma análise a partir da literatura de políticas públicas. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 3, n. 1, p. 211-226, 2015.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Jan-Abr., 2023

DE AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro; ARAÚJO, Maria Jovelina da Cruz Guimarães. Como o isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 impactou o consumo de podcasts no Brasil: uma análise de matérias jornalísticas nacionais. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 25802-25815, 2021.

FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo; PILON, Ana Cláudia. **Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil**: situando estudos sobre sexualidade e suas conexões. 2013.

IRINEU, Bruna Andrade. **Nas tramas da política pública LGBT: um estudo crítico acerca da experiência brasileira (2003-2015)**. EDUFMT, 2019.

IPEA, ODS 5 Alcançar a Igualdade de Gênero – Que Mostra o Retrato do Brasil?. *Cadernos ODS*. Brasília, Ministério da Economia. 2019.

MOTTA-ROTH, Désirée. Letramento científico: sentidos e valores. **Notas de Pesquisa**, Santa Maria, RS, v. 1, n. 0, p. 12-25, 2011.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; CORREA, Sonia. Retratos transnacionais e nacionais das cruzadas antigênero. **Revista Psicologia Política**, v. 18, n. 43, p. 444-448, 2018.

VIEIRA JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai; PELÚCIO, Larissa. Memes, fake news e pós-verdade ou como a teoria de gênero vira uma “ideologia perigosa”. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 48, 2020.